

Na trilha do **Le Monde Diplomatique**: intelectuais, imprensa e perspectiva crítica

Juliana Sayuri Ogassawara*

Resumo

Ancorado na história dos intelectuais, na história política e na história do tempo presente, este artigo apresenta a trajetória do periódico francês **Le Monde Diplomatique**, destacando como seus jornalistas e intelectuais contribuíram para a consolidação da linha editorial da publicação. Fundado em 1954, em Paris, por Hubert Beuve-Méry, **Le Monde Diplomatique** teve suas ideias alastradas por diversos países. Em fevereiro de 2013, o magazine contava mais de 40 edições internacionais, considerado um fenômeno único na imprensa internacional. Ao longo de sua trajetória, **Le Monde Diplomatique** teve sua linha editorial historicamente marcada por diretrizes politizadas, declaradamente anti-imperialistas e anti-neoliberais.

Palavras-chave: Le Monde Diplomatique; Imprensa; Intelectuais.

Data de maio de 1954 a primeira edição de **Le Monde Diplomatique**¹ na França, idealizado como um suplemento diplomático do cotidiano **Le Monde**, pautado principalmente pela política internacional.

Este artigo pretende abordar criticamente a trajetória de **Le Monde Diplomatique**, para evidenciar o papel de seus jornalistas e intelectuais na consolidação da linha editorial da revista, declaradamente anti-imperialista e anti-neoliberal. Em tempo, vale dizer que as breves páginas aqui presentes correspondem a apenas um trecho da tese de doutorado desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Neste estudo, **Le Monde Diplomatique** encontra referência nas expressões “revista” ou “magazine” por duas razões. Primeiro, para evitar a referência a **Le Monde Diplomatique** como um “jornal”, a fim de contornar possíveis confusões com o diário **Le Monde**, que é *passim* mencionado para narrar a trajetória, até certo ponto cruzada, das duas publicações. Segundo, a periodicidade mensal, o estilo e a linha editorial diferenciada, mais dedicada à análise e menos à “notícia”, afastam **Le Monde Diplomatique** do perfil de um jornal nos moldes convencionais da imprensa. Além disso, no Brasil, as definições correntes reservam as palavras “jornal” para a publicação diária e “revista” para as de periodicidade mais espaçada, enfeitadas por uma capa e com maior diversidade temática – entretanto, para ponderar, “[...] sempre se pode citar os jornais semanais e seu afã de tudo abarcar, ou as revistas extremamente especializadas.” (LUCA, 2014, p. 131).

Humanas da Universidade de São Paulo – tese esta que analisa, entre outras questões, o papel dos intelectuais participantes do magazine.²

Desde 1954, quatro intelectuais passaram pela direção de **Le Monde Diplomatique**: entre 1954 e 1972, o diplomata húngaro François Honti (1900-1974); entre 1973 e 1990, o jornalista francês Claude Julien (1925-2005); entre 1990 e 2008, o sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (1943-); e a partir de 2008, o escritor francês Serge Halimi (1955-). Este artigo explora a trajetória sexagenária de **Le Monde Diplomatique** demarcada por seus quatro diretores.

Delineou-se a partir de tais intelectuais a linha editorial da publicação, que oscila entre uma revista de atualidades e uma *revue* acadêmica, com artigos e ensaios longos, marcados por muitas notas, cronologias, dossiês, glossários, índices e referências bibliográficas. A partir de textos elaborados, assinados por escritores e editores especializados, **Le Monde Diplomatique** quer ultrapassar os almanaques de atualidades e as antologias efêmeras do cotidiano. Nas suas páginas escreveram importantes intelectuais contemporâneos, de diversas áreas e diferentes nacionalidades, como Edward Said (1935-2003), Eric Hobsbawm (1917-2012), Florestan Fernandes (1920-1995), Jean Baudrillard (1929-2007), José Saramago (1922-2010), Julio Cortázar (1914-1984), Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu (1930-2002), Stéphane Hessel (1917-2013), Tony Judt (1948-2010), entre muitos outros.³

² Tese desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A autora também realizou temporada de doutorado “sanduíche” na École des Hautes Études en Sciences Sociales, sob orientação do sociólogo Michael Löwy, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Santander.

³ Apesar de sua relevância política e editorial, é interessante notar o relativamente tímido volume de estudos universitários sobre **Le Monde Diplomatique**. Autor da tese-livro **Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l'université et du militantisme** (L'Hamartan, 2014), o historiador francês Nicolas Harvey destaca, por exemplo, a tese **Du diplomate au citoyen: études sur la politisation du Monde diplomatique et de ses lecteurs (1954-2008)** de Maxime Szczepanski-Huillery, sobre os militantes na Associação Amis du Monde Diplomatique e na Association pour la Taxation des Transactions financière et l'Aide aux Citoyens (ATTAC). Há outras teses e dissertações focando principalmente a análise do discurso de **Le Monde Diplomatique** em temporalidades e recortes específicos no Oriente Médio, na África e na América Latina, tais como: Naïla Abi Karam investigou a cobertura do conflito libanês (entre 1973-1983); Samuel Ghiles Mailhac, a questão israelense (1954-2004); Sylvie Milczach, o conflito palestino (1970-1971); Benjamin Weil, o conflito árabe-israelense (2000-2006); Mamadou Compaore, os conflitos africanos (1989-1994); Cheikh Ndiaye, as relações internacionais africanas (1990-1992); Marc Le Gldeic, a história latino-americana (1970-1980). Noutros campos, a análise sociológica de Jean-Baptiste Perret sobre a redação de **Le Monde Diplomatique** e a análise política de Marc Endeweld comparando a revista a outras mídias opinativas. Em Paris, Flavie Holzinger revisitou a direção de Ignacio Ramonet (1991-2008). Em Madrid, Pablo López Rabadán analisou o enquadramento das páginas de **Le Monde Diplomatique**. No Brasil, Patrícia Burrowes focou a linha editorial do magazine; Fernando Pinto estudou o caderno **Diplô**, publicado no país; e Elisa Batalha analisou a participação da revista no Fórum Social Mundial. Por fim, vale mencionar que minha dissertação de mestrado se dedicou à análise do **Le Monde Diplomatique Brasil**, sob orientação da historiadora Maria Aparecida de Aquino (SAYURI, 2011).

Firmou-se nessas rubricas e nessas ideias a marca da revista, que almeja oferecer uma visão alternativa, uma mirada crítica dos acontecimentos atuais, um ponto de vista singular, uma perspectiva atilada do jogo das relações internacionais, um olhar ou, na expressão preferida pelos editores franceses, uma *manière de voir*. Aos olhos de seus intelectuais e de seus leitores, **Le Monde Diplomatique** conquistou prestígio internacional por três razões capitais ao longo de sua trajetória: o viés analítico de suas edições; a relevância de seus autores, tanto jornalistas quanto intelectuais, versando sobre temas de interesse internacional; e a crítica aos dilemas contemporâneos na intrincada globalização neoliberal. É, pois, um magazine que se dedica às questões-chave do tempo presente.

No contexto da renovação da história política, também a história do tempo presente paulatinamente conquistou seu lugar nas arenas acadêmicas. O estudo do político e o retorno da história política tiveram papel aglutinador e dinamizador para esse campo, aberto e novo (CHAUVEAU; TÉTARD, 1999).

Tida como provocação à história cravada nos cânones tradicionais, a história do tempo presente é delicada, pois pertence a um tempo e a uma atualidade em que os atores arrolados não raro ainda transitam na sociedade – e as situações que protagonizam ainda são discutidas e discutíveis no calor do momento, dentro e fora do ateliê do historiador. É, de fato, uma tarefa árdua abordar questões intrínsecas ao tempo presentemente vivido, mas é preciso lembrar que a história do tempo presente é, antes de tudo, “história”.

1954: páginas diplomáticas

Fundador do diário **Le Monde** a pedido do general De Gaulle (1890-1970), em dezembro de 1944, Hubert Beuve-Méry (1902-1989) viu-se diante do imperativo do tempo para abrir uma nova gazeta especialmente dedicada à política internacional. Na década de 1950, as movimentações no tabuleiro do jogo político internacional – no pós-guerra, a consolidação das Nações Unidas (1945), a Guerra da Coreia (1950-1953), a morte de Stalin (1953), a revolta da Berlim oriental (1953), a Guerra da Indochina (1946-1954), o impacto de Mao no poder (1954-1959), a trilha de Fidel na Sierra Maestra (1959), entre outros acontecimentos – pediam paulatinamente por mais espaço nas dezesseis páginas à época do **Le Monde** (RAMONET, 2004b, p. 6). A fim de preencher essa lacuna, Hubert Beuve-Méry procurou um amigo diplomata húngaro, o

jornalista político François Honti (1900-1974), correspondente do húngaro Pesti Hírlap, exilado em Paris, que lhe propôs a idealização de um periódico mensal dedicado à política internacional.

A redação era mínima: ao lado da jornalista francesa Micheline Pamet, o redator-chefe François Honti formou a primeira equipe do novo suplemento, com contribuições de artigos de André Fontaine, Claude Julien, Eric Rouleau, Jean Planchais, Pierre Dourin e outros jornalistas da editoria internacional do **Monde**⁴.

Uma vez definidas a proposta e a equipe editorial, restava a Beuve-Méry escolher um título para a publicação. Considerou **Le Monde International** (pleonástico, como logo notou) e decidiu incluir a expressão “*diplomatique*”, braço da política ancorado nas relações internacionais.⁵ Assim nasceu **Le Monde Diplomatique** no dia 2 de maio de 1954, com o subtítulo *Journal des Cercles Consulaires et Diplomatiques*. Destinava-se, portanto, ao universo das embaixadas diplomáticas e da elite econômica internacional, com apenas oito páginas, periodicidade mensal e tiragem de 4.000 a 5.000 exemplares (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 146-148). Até o início da década de 1970, o novato magazine seguia fielmente a linha editorial do pai, **Le Monde**.

Do **Monde**, umas palavras. De um lado, Beuve-Méry, antes correspondente de **Les Temps de Paris** (1861-1942) em Praga antes da guerra, se demitiu do jornal, por se opor aos acordos de Munique de setembro de 1938 – não muito tempo depois, o jornal minguou, politicamente comprometido diante das acusações de colaborar com os nazistas. De outro, De Gaulle almejava ler um bom jornal, *fer de lance* da influência cultural e política francesa, que se tornasse prestigioso e prestigiado – e assim, nas cinzas de **Le Temps**, o general pediu ao jornalista para pensar um novo jornal. Ao imprimir **Le Monde** pela primeira vez no dia 19 de dezembro de 1944, Beuve-Méry quis responder ao pedido político à sua maneira, movido por uma independência radical (RAMONET, 2004b, p. 5).

⁴ Na época, por estar subordinado a **Le Monde**, **Le Monde Diplomatique** não possuía “diretor” próprio, mas um redator-chefe. Lembrados como diretores da gazeta, François Honti e Claude Julien foram oficialmente redatores-chefes, respondendo a Hubert Beuve-Méry. No **Monde Diplomatique**, o cargo “diretor” só será oficializado em 1981, como veremos mais adiante, como parte da conquista da independência editorial da revista diante do **Monde**. Assim, Julien seria o primeiro diretor do magazine até 1990.

⁵ Segundo Ramonet, Beuve-Méry logo pensou no termo “diplomacia”, ramo da política sobre as relações entre os Estados, e na raiz “diploma”, referência às credenciais conferidas ao representante de um Estado diante da autoridade de outro. A palavra vem do grego *diploma*, que quer dizer dobrado, como um jornal (RAMONET, 2004b, p. 5).

Na política internacional, as posições do diário refletiam as do diretor, especialmente o culto da francofonia como espaço “neutro” diante dos polos americano e soviético, equilibrando um anticomunismo duro e um anti-atlantismo severo.⁶ Assim, **Le Monde** quis se situar ao centro do tabuleiro geopolítico – uma perspectiva eurocêntrica, para não dizer francocêntrica –, criticando as duas linhas tracejadas no pós-guerra e, ao mesmo tempo, defendendo uma Europa independente. À época, também a redação estava polarizada diante dos posicionamentos possíveis na Guerra Fria – o jornal da **Rue des Italiens** preferiu adotar uma posição neutralista, que mais tarde marcaria o suplemento subordinado, **Le Monde**.

Húngaro, desde jovem oposto a quaisquer matizes de totalitarismo, François Honti se tornou cônsul após a guerra, em Genebra. Considerava **Le Monde Diplomatique** a invenção de sua vida – e como a consolidação de suas vocações de jornalista e de diplomata.⁷

Idealizadas, pois, na década de 1950 *bouleversée* por voltas, revoltas e reviravoltas na política internacional, as primeiras páginas de **Le Monde Diplomatique** se marcariam por questões como a revelação do relatório de Nikita Khrushchev (1956) – donde Moscou não seria mais a “meca marxista” (PIERRE, 1956, p. 1); o Maio de 1958, durante as turbulências da Guerra de Independência da Argélia (1954-1962); a revolução vitoriosa dos barbudos liderados por Fidel Castro (1959) – um *tournant* no mundo diplomático (FONTAINE, 1960, p. 1); nos anos seguintes, o Maio de 1968, seus estudantes e suas interrogações – revolta ou revolução? (MICHAUD, 1968, p. 1); e os golpes militares na América Latina, como o Chile *sous la botte* de 1973 (JULIEN; 1973, p. 6). Nas gavetas imensas da memória de **Le Monde Diplomatique**, certamente cada citado *major* acontecimento, entre muitos outros, mereceria um estudo à parte sobre as posições da revista⁸. Entretanto, é interessante destacar tais acontecimentos para contextualizações da gazeta nos seus primeiros tempos. Se até 1973 **Le Monde** e **Le Monde Diplomatique** caminhavam lado a lado, vale lembrar o que **Le Monde Diplomatique** era para compreender o que se tornou.

⁶ Por “atlantismo”, refere-se à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (RAMONET, 2004b, p. 5).

⁷ O romancista Yves Florenne escreveu sobre a trajetória de François Honti no **Monde Diplomatique** em outubro de 1984, por ocasião da morte do diplomata (FLORENNE, 1974, p. 4).

⁸ Os arquivos impressos de **Le Monde Diplomatique** desde 1954 estão disponíveis integralmente digitalizados. É possível conferi-los nos discos disponíveis no site oficial da revista, reunindo mais de 700 edições e 50.000 documentos.

Ignacio Ramonet lembra Hubert Beuve-Méry como um “homem progressista”, diria um “homem de centro-esquerda”, que rompeu com De Gaulle após sua volta ao poder com a crise argelina em 1958. Assim, Beuve-Méry se tornou adversário radical do general. Na época, **Le Monde Diplomatique** passou a dar a palavra ao que se passava na África e na Ásia, a fim de compreender o que era o Terceiro Mundo.

Ao lado de **Le Monde**, **Le Monde Diplomatique** não se posicionou na Guerra Fria, privilegiando um olhar para outras experiências no mundo. Assim, em 1961, o historiador Jean Lacouture lembrava nas páginas diplomáticas a conferência de Bandung, Indonésia, que reunira 23 países asiáticos e 6 africanos, marcando o surgimento terceiro-mundista e do movimento dos não-alinhados em abril de 1955 (LACOUTURE, 2004, p. 10-15)⁹ – na época, **Le Monde Diplomatique** publicou o discurso do presidente indonésio Sukarno, sustentando a posição dos não-alinhados, mas engajados. Da memória o escritor parte para a conferência de Belgrado, Sérvia, que institucionalizaria o movimento em setembro de 1961. Lacouture define a ideia de não-alinhamento no **Le Monde Diplomatique**: não-alinhamento não queria dizer não engajamento, pois as novas nações independentes se sentiam “sempre engajadas” e adiante no combate contra o sistema de dominação (LACOUTURE, 2004, p. 10-15), defendendo a não agressão e não intervenção nos assuntos internos dos outros países.

Vale lembrar que o horizonte intelectual, afinal, mudava seu eixo. Num mapa-múndi fragmentado por agressivos dois polos e um território europeu assolado pela guerra, muitos intelectuais passaram a observar outras experiências efervescentes na África, na Ásia e na América Latina – certas iniciativas interrompidas não muito tempo depois, com os golpes militares latino-americanos. Nesse ínterim, na década de 1970, Claude Julien (1925-2005) assumiria a direção de **Le Monde Diplomatique**.

Desde 1951 no **Le Monde**, Julien se tornou editor da seção internacional no fim da década de 1960. Publicou **L’empire américain** (Grasset, 1968), **Le nouveau nouveau monde** (Julliard, 1960) e **L’Amérique en révolution** (Laboureur et Cie, 1956), o que lhe garantiu notoriedade pelas críticas à política e às relações internacionais norte-americanas (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 149). Julien demonstrava muito interesse nos países do hemisfério sul e nas ideias terceiro-mundistas – e, pode-se dizer, posicionava-se mais à esquerda que os companheiros de **Le Monde**.

⁹ Originalmente publicado em outubro de 1961, esse artigo compõe a edição especial da revista **Manière de voir** de 50 anos de **Le Monde Diplomatique**.

Em 1969, Hubert Beuve-Méry se aposentou, o que provocou impacto na hierarquia do **Le Monde**. Jacques Fauvet (1914-2002) se tornou diretor, o historiador André Fontaine (1921-2013), redator-chefe e Claude Julien foi promovido a chefe de serviços internacionais. As tensões pré-existentes entre Fontaine e Julien culminariam em 1972, num delicado desentendimento que se expressa em uma palavra: *zozo*.

Em entrevista à tese do historiador Nicolas Harvey, Julien esclareceu o episódio: foi uma discussão sobre uma entrevista exclusiva feita com um ministro egípcio, durante uma reunião de pauta, em que Julien se referiu a Fontaine, ao fim, como *zozo*, expressão francesa para simplório, *naïf*, ingênuo, besta, bobo. Diz Julien:

Ah, sim [...]. Na conferência de direção, cometi um grande erro. Cometi uma gafe terrível. Eu me expressei mal. Na editoria internacional havia uma entrevista exclusiva com o ministro egípcio de relações exteriores. No fim dessa conferência estavam o chefe da editoria política, o chefe da editoria econômica, o chefe da editoria cultural. Fontaine nos disse que nós não podíamos abarcar tudo. Eu me expressei muito mal. Havia a entrevista do ministro de relações exteriores, que se tornou um documento exclusivo. E eu me expressei muito mal. Só depois me dei conta de que tinha chamado meu redator-chefe de “*zozo*”. Não era minha intenção. Não era uma reflexão séria [...]. Por tratar o redator-chefe como *zozo*, sem pensar, tive de tirar um ano sabático. (HARVEY, 2011, p. 58).¹⁰

Em outras palavras, Julien fora forçado a tirar um ano sabático para amenizar tais tensões. Viajou o mundo e se dedicou especialmente à China, que então se despedia da revolução cultural. Entretanto, ao retornar, em 1973, Claude Julien não retornou à redação do diário **Le Monde**, assumindo **Le Monde Diplomatique**.

1973: o papel de Claude Julien

Nascido em 17 de maio de 1925 em Saint-Rome-de-Cernon, Aveyron, Julien participou da resistência contra a ocupação nazista, foi militante da Jeunesse Ouvrière Chrétienne (JOC) e fundou o jornal **Debout!** Ainda jovem, estudou ciências políticas na University of Notre Dame, nos Estados Unidos. De volta à Europa, em 1949, atuou como jornalista na revista **La Vie Catholique Illustrée** (1949-1951) em Paris. Em 1951, tornou-se redator-chefe do diário **La Dépêche Marocaine**, em Tanger, Marrocos, mas a passagem foi muito breve. Julien retornou a Paris, onde se firmaria no **Monde** e logo no **Diplomatique** (RAMONET, 2005, p. 40).

¹⁰ Tradução livre da autora.

Em janeiro de 1973, ao fazer honras ao redator-chefe Claude Julien, Jacques Fauvet destacou que, além das políticas próprias das nações para o Terceiro Mundo, os conflitos de independência e os impasses no desenvolvimento e nas sociedades marcavam um segundo momento do mundo pós-guerra e, conseqüentemente, do **Le Monde Diplomatique** (FAUVET, 1973, p. 1).

A Julien, pois, se atribui o que **Le Monde Diplomatique** se tornou. Por um lado, por questões “pragmáticas”: reorganizou o *layout* e as seções, inovou as ilustrações e o tom das matérias, com artigos, críticas, dossiês e reportagens especiais; rejuvenesceu e ampliou o corpo de colaboradores, de correspondentes internacionais e de jovens jornalistas, dissolvendo o protagonismo dos jornalistas do **Le Monde** pai no **Le Monde Diplomatique** filho; ampliou o âmbito das pautas, antes estritamente relacionadas ao campo da política internacional, passando a abarcar questões socioculturais e econômicas, aumentando ainda as páginas dedicadas às novas nações independentes do hemisfério sul (RAMONET, 2005, p. 40). Por questões “metafísicas”, o estilo de jornalismo se tornaria a marca de **Le Monde Diplomatique**.

Em 1979, Claude Julien publicou **Le devoir d’irrespect** (Alain Moreau), um livro provocativo sobre o papel do jornalista e do intelectual. Para Julien, o jornalismo deveria ser crítico, independente e irreverente. Julien indagava, indignado:

Este mundo trepidante, embriagado de sua própria febre, se apressa a condenar essa retirada: querer abstrair-se assim dos redemoinhos e das tormentas seria, dizem, trair a fraternal solidariedade dos homens, abandonar a sua trágica sorte as vítimas das crises que assolam o planeta, talvez afogá-los ainda mais em seu drama de fome, humilhação e sangue. Mas quantas inteligências e talentos – chefes de partidos ou de empresas, pensadores e escritores, engenheiros e humanistas, artistas e tecnocratas – localmente envolvidos nos turbilhões da vida moderna prepararam, provocaram ou agravaram os dramas que depois lhes dão a matéria de tantas exortações ou lamentos? (JULIEN, 2005, p. 3).¹¹

Julien tinha uma visão crítica sobre os intelectuais que, a seu ver, muitas vezes cediam à vaidade vulgar e à ilusória ambição de gravitar em torno do destino das ideias e dos acontecimentos, esquecendo-se de seu verdadeiro papel. Dizia que os intelectuais devem ocupar um lugar importante na política – uma ambição legítima, mas que pode levar aos mais graves desvios, arrastando inexoravelmente o indivíduo aos lugares de poder onde impera uma lógica distinta e distante da do intelectual e do escritor, pois

¹¹ A introdução do livro **Le devoir d’irrespect** foi traduzida para diversos idiomas e publicada nas edições internacionais de **Le Monde Diplomatique** de junho de 2005, por ocasião da morte de Claude Julien.

“[...] o poder fascina aos intelectuais assim como o mel atrai as moscas.” (JULIEN, 2005, p. 3).

Além dos intelectuais agitadores e dos *meramente* contemplativos, o jornalista defendia um intelectual que, apesar dos pesares, lute – mesmo diante da convicção de que perderá sua batalha. Dirão um intelectual desinteressado. Pior: um idealista, um sonhador, amarrado a uma quimera, dedicado a realidade que os homens do poder não conhecem ou não querem ver. Para Julien, as verdades do poder não podem ser as verdades dos intelectuais. Por vocação, os intelectuais deveriam revelar tudo o que poder se esforça para esconder, expor as contradições e as imposturas, dar vez e voz aos que nunca tiveram vez e voz, atrair o olhar para outras realidades. Deveriam, assim, ser críticos, inquietos, obstinados e, principalmente, *marginais* ao poder.

Ao escrever essas linhas, em 1979, Claude Julien se situava no tempo. Nas palavras do autor, com autocrítica e certa ironia: não se seduziu pelo comunismo (dizia-se um *aimable intellectuel petit-bourgeois*), mas tampouco pelo refluxo que descartou todas as ferramentas teóricas marxistas; criticou a avidez do capitalismo do outro lado do Atlântico (era então *anti-américain*), mas não via a estatização como alternativa à crise (e sim como fator *imperialista*); não cedeu ao terror da Guerra Fria (era um pacifista fervoroso), escreveu muito sobre a exploração dos povos oprimidos (um idealista?, questionava-se) e a eles se dedicou (um *cínico* que se atreveu a propor como modelo os “tiranos” do Terceiro Mundo) (JULIEN, 2005). Nessas páginas, o autor também se situava no espaço geopolítico:

Estamos aqui, na Europa. E é daqui que nós podemos lutar, dentro mesmo de um sistema que, nas suas próprias fronteiras como através de múltiplas ramificações, mais além dos seus limites geopolíticos, nada tem de inocente. Os poderes constituídos mobilizaram, a seu serviço, uma multitude de expertos e de inteligências – e também de talentos mais medíocres – para manter e desenvolver os mecanismos que monopolizam a riqueza e a sua distribuição desigual, nutrem os privilégios, cultivam a corrupção, simpatizam com as ditaduras, exploram milhões de miseráveis, acumulam os rancores, os desesperos e os ódios, preparam a explosão que amanhã levará tudo o que os homens [...] pretendem conservar.¹² (JULIEN, 2005, p. 3).

Logo esse espírito de jornalismo crítico, independente e irreverente ao poder, defendido por Julien, marcaria a trajetória de **Le Monde Diplomatique**. Para imprimir nas páginas do periódico essa identidade foram necessárias certas mudanças paradigmáticas. O sonho de Julien, revelou Harvey, era fazer um jornal em que não se

¹² Para Julien, ao defender o *status quo*, os conservadores não “conservam” realmente, mas destroem as possibilidades do mundo.

separassem a política, a política econômica, a política internacional, as artes e a literatura, isto é, em que se cruzassem todas as esferas. “Assim, introduzir a literatura ao analisar a história política e econômica, a história do presente e as perspectivas de qualquer país, me parece capital.” (HARVEY, 2011, p. 61).

Julien valorizava a voz de especialistas para tanto. A partir de 1973, **Le Monde Diplomatique** aumentou significativamente o número de artigos assinados por intelectuais relacionados às universidades francesas e de outros países. Também marcada por um afã de cosmopolitização de um magazine de vocação internacional, essa primeira mudança ainda se justificou por um processo de conquista de autonomia frente ao **Le Monde**. A mudança revelava ainda um desejo de amenizar o eurocentrismo no tratamento das notícias internacionais – permitindo uma compreensão mais próxima à realidade de outros países, não só da dimensão política, mas da história, da cultura, das ideias, da literatura e da sociedade.

Ao substituir progressivamente os jornalistas e correspondentes franceses do **Le Monde** por outros autores, principalmente intelectuais e *scholars* vindos dos países retratados para escrever nas suas páginas, **Le Monde Diplomatique** pôde, ao mesmo tempo, dar seus primeiros passos para sair da tutela editorial do diário, assim como firmar sua legitimidade no campo intelectual (HARVEY, 2011, p. 50).

Um fato, no mínimo, inusitado para compreender ainda a aproximação entre **Le Monde Diplomatique** e o campo universitário na década de 1970: muitas vezes, o periódico não tinha recursos financeiros necessários para pautar jornalistas independentes nos países abordados. Ao recrutar colaboradores universitários, via-se dois benefícios: primeiro, contavam com a rubrica de especialistas sobre determinada questão; segundo, contavam com a compreensão dos colaboradores – muitos bem remunerados nos seus ofícios e acostumados a publicar gratuitamente seus artigos, principalmente nas revistas científicas – que aceitavam não receber ou receber um valor apenas simbólico por suas contribuições (HARVEY, 2011, p. 17).

Na década de 1980, diante de sua ascendente difusão e, conseqüentemente, de seu crescente capital, a revista pôde considerar a contratação de outros jornalistas – à época, a redação ainda se resumia a Julien e Micheline Paunet. Logo Ignacio Ramonet e Bernard Cassen integrariam a equipe. Dois intelectuais vindos do campo universitário: desde 1975 professor na Université Paris VII, Ramonet se doutorou na École des Hautes

Études en Sciences Sociales em 1981, enquanto Cassen foi um dos fundadores da Université Paris VIII em 1980.¹³

Se na década de 1950 a redação de **Le Monde Diplomatique** (*a.k.a.* François Honti e Micheline Paunet) era hierarquizada, respondendo ao **Le Monde**, na década de 1980, a redação assume outro caráter, mais *collégiale*¹⁴: com reuniões de pauta, discussões de ideias e muitos *brainstormings*, **Le Monde Diplomatique** adotou uma estrutura hierárquica menos rígida, similar a de um departamento universitário, onde o capital cultural de seus integrantes muito valia. A partir dessa época, foi pedido aos redatores para se diplomar e se especializar em certas áreas geográficas (África, América Latina e Oriente Médio, por exemplo) ou em questões diversas (direito internacional, literatura, tráfico e assim por diante) (HARVEY, 2011, p. 63). Isso também garantiu mais legitimidade aos jornalistas para expressar suas próprias opiniões, adquirindo assinaturas fortes e próprias na revista.

Por um lado, a aproximação com as alas universitárias. Por outro, o progressivo distanciamento de **Le Monde**. Assim, **Le Monde Diplomatique** passou a firmar uma linha editorial própria. Muitos motivos justificaram esse distanciamento. Primeiro, as tais tensões pessoais e profissionais entre Claude Julien e André Fontaine, estremecidas principalmente a partir da discussão de 1972. Outro episódio marcante foi a quase passagem do redator na direção de **Le Monde** em 1980: diante de uma grave crise financeira, a Société des Rédacteurs du Monde pôde escolher, pela primeira vez, quem substituiria Jacques Fauvet na direção do **Le Monde**. Disputavam os jornalistas Claude Julien, Jacques Almaric e Jacques Decornoy. Julien foi eleito com 62,76% dos votos, mas nunca assumiu a liderança do diário, que logo passou para André Laurens. Muitos jornalistas do diário, próximos a Julien, se demitiram após o fracasso da sucessão –

¹³ A Université Paris VIII foi idealizada inicialmente no verão de 1968, estimulada pela efervescência cultural e política da época, como proposta do ministro Edgar Faure para uma universidade experimental. Nos primeiros tempos, a universidade foi construída nos arredores do *bois* de Vincennes, abrindo portas em 1969. Em 1972, foi rebatizada como Université Paris VIII. Em 1980, migrou para a periférica comuna de Saint-Denis. A respeito da história da universidade, ver ainda os livros **Abécédaire de Vincennes à Saint-Denis** (2011), organizado por Danielle Tartakowsky e Isabelle Tournier; e **Vincennes ou le désir d'appendre** (1979), organizado por Bernard Cassen, François Châtelet, Jacqueline Brunet, Madeleine Rébérioux, Pierre Dommergues e Pierre Merlin; **Vincennes, une aventure de la pensée critique** (2009), dirigido por Jean-Michel Dijan e prefaciado por Pascal Binczak. Neste último, um capítulo conta como Bernard Cassen, Hélène Cixous e Pierre Dommergues tiveram papel determinante para a idealização da universidade – não como um anexo à tradicional Sorbonne, mas como um núcleo universitário “experimental”, angariando apoio do Partido Comunista Francês.

¹⁴ O historiador Nicolas Harvey identifica quatro momentos no desenvolvimento da estrutura redacional de **Le Monde Diplomatique**: redação hierárquica (tempos de François Honti), redação concentrada (a partir de Claude Julien), redação *collégiale* (na década de 1980, com Julien intitulado diretor) e redação fragmentada (na década de 1990, com Ignacio Ramonet como novo diretor) (HARVEY, 2011, p. 54).

como Jacques Decornoy (1936-1996), que saiu do **Monde** em 1980, retornando como colaborador e depois redator do **Le Monde Diplomatique** em 1988.¹⁵

Antes de sair definitivamente, Jacques Fauvet nomeou Claude Julien como “diretor” oficialmente do **Le Monde Diplomatique** em 1981 (RAMONET, 2004a, p. 7). – novo título que, nas expressões de Julien, seria um tipo de “prêmio de consolação” ou um “pedido de desculpas” por não poder assumir a liderança de **Le Monde** (HARVEY, 2011, p. 61). No fim, foi uma maneira de preservar a autonomia editorial da revista e abrir as ambições de certa independência hierárquica diante do diário. Isso sinalizava que, a partir desse momento, a empresa teria **Le Monde** e **Le Monde Diplomatique** como publicações independentes.

As rivalidades entre **Le Monde** e **Le Monde Diplomatique** continuariam em outro polo de tensões: a política. A partir da década de 1970, passa a se delinear a linha editorial de **Le Monde Diplomatique**, com suas simpatias teóricas e políticas, posicionando-se paulatinamente “à esquerda da esquerda” do estreito espectro da imprensa europeia. Na década de 1980, a gazeta tinha conquistado certa autonomia editorial e redacional, mas não ainda autonomia administrativa – e, nessa linha, talvez para afastar os fantasmas das frustrações com **Le Monde**, instituiu um conselho que se tornaria responsável pelas próximas escolhas de **Le Monde Diplomatique**.

Em novembro de 1987, Julien realizou a primeira edição de **Manière de voir**, revista bimestral de 100 páginas que reúne os melhores artigos de **Le Monde Diplomatique** sobre determinado tema – um tipo de “enciclopédia contemporânea”. Via o momento para inventar uma nova *manière de voir*.

Ao propor ampliar as perspectivas, Julien critica os olhos cegos que subestimaram o risco do nazismo antes de 1939, os olhos gananciosos que não viram a iminência da crise de 1929, os olhos fanáticos velados por ideologias ultrapassadas, os olhares blasés, cúmplices e indiferentes – “os olhares sem memória, estupefatos pela reedição, sob formas inesperadas, de fenômenos antigos e sempre novos”, dizia. Diante do tumulto contemporâneo e da hiper-informação que se apressava no fim da década de 1980, época em que escrevia essas palavras, o autor pedia silêncio, ponderação, crítica. “É preciso descobrir uma nova maneira de ver, e sem dúvida uma nova maneira de dizer. **Le Monde Diplomatique** certamente não tem a pretensão de realizá-la, mas tem a ambição de tentar alcançá-la.” (JULIEN, 1987, p. 4).

¹⁵ No editorial de **Le Monde Diplomatique**, Claude Julien escreveu sobre o espírito combativo de Jacques Decornoy em janeiro de 1997, por ocasião da morte do jornalista.

Claude Julien se afastou da direção em dezembro de 1990, após quase 18 anos dedicados à revista. Escolhido para assumir as rédeas da publicação, Ignacio Ramonet dedicaria um editorial a Julien, morto aos 80 anos, em 5 de maio de 2005, em Tarn-et-Garonne, Midi-Pyrénées. Assim ficou lembrado:

Personalidade excepcional pelo poder de suas convicções, a singularidade de seu talento e a vastidão de sua cultura, Claude Julien marcou definitivamente a história de **Le Monde Diplomatique**. Teve uma influência decisiva sobre várias gerações de jovens jornalistas que admiraram a força de seu caráter, as qualidades de seu texto, a firmeza de suas ideias, a generosidade de seu compromisso e a paixão de suas lutas a favor de um jornalismo irreverente e de um mundo mais justo, mais pacífico, menos desigual e mais solidário. Para a equipe do **Monde Diplomatique** é uma perda imensa, insubstituível, pois ele nos ensinou uma característica fundamental, essencial nestes tempos de desleixo midiático: o dever da irreverência. Nosso jornal se deve, por assim dizer, tudo o que constitui sua identidade: sua linha editorial, a que permanecemos fiéis mesmo depois de sua partida; sua doutrina jornalística feita de exigência, imaginação, rigor e precisão; sua ética de austeridade e de modéstia; e suas principais ideias de rechaço a todo hegemonismo político, a todo dogma econômico que reforce o poder do dinheiro, ou a pretensão de uma cultura, qualquer que seja, a se impor sobre o mundo. (RAMONET, 2005, p. 40).

1990: a perspectiva de Ignacio Ramonet

Se Julien deu ares novos a **Le Monde Diplomatique**, Ignacio Ramonet continuou a avançar nessa trilha, dando gás original e vivificador para a revista, que conquistou notoriedade e relevância internacional a partir da década de 1990.¹⁶

Nascido em 5 de maio de 1943 em Redondela, Galícia, Ignacio Ramonet cresceu em Tanger, Marrocos, com seus pais, fugidos do franquismo dominante na Espanha. Na juventude francesa, estudou na Université de Bordeaux III e doutorou-se com uma tese sobre o papel social do cinema cubano na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Pupilo de Roland Barthes (1915-1980), lecionou na Université Paris VII, entre 1975 e 2005. Publicou **Nouveau pouvoirs, nouveaux maîtres du monde** (Fides, 1996), **La tyrannie de la communication** (Galilée, 1999) e **L'explosion du journalisme** (Galilée, 2011), entre outros. Paralelamente ao mundo acadêmico, passou a atuar como jornalista na década de 1970, colaborando com **Cahiers du cinema**, **Libération** e **Le Monde Diplomatique**.

¹⁶ Enquanto diretor, Ignacio Ramonet contou com dois jornalistas como braços-direitos na posição de redator-chefe: primeiro, o jornalista franco-egípcio Alain Gresh (entre 1995 e 2006), depois o francês latino-americanista Maurice Lemoine (entre 2006 e 2010).

Assim como Julien, Ramonet contribuiu com a trajetória de **Le Monde Diplomatique** ao consolidar dois campos: a autonomia administrativa e a linha editorial. Na década de 1990, **Le Monde Diplomatique** ainda vivia um paradoxo: a linha editorial estava definida e a redação era independente, mas a revista permanecia enraizada na empresa Le Monde S/A. A ideia primeira, portanto, era firmar sua autonomia administrativa.

Em 1994, durante sua campanha para disputar a direção do **Le Monde**, o jornalista Jean-Marie Colombani prometeu transformar a revista em uma filial, isto é, uma nova sociedade filiada. Uma vez eleito diretor, Colombani cumpriu sua promessa, apesar de desagradar os acionistas do diário: Le Monde S/A cedeu seus 49% do capital da novata empresa Le Monde Diplomatique S/A a dois outros acionistas: a Association Gunter Holzmann (que reúne seus profissionais) e a Association Les Amis du Monde Diplomatique (que reúne seus leitores). Em 1996, a estrutura administrativa se consolidou, tripartida entre a Le Monde S/A (51% do capital), a Association Les Amis du Monde Diplomatique (25% do capital) e a Association Gunter Holzmann (24% do capital). Tal estrutura pretendia garantir a independência que, nas palavras de Ramonet: “É esta independência que garante, em última instância, a singularidade deste jornal. Uma singularidade única.” (RAMONET, 2004a, p. 7).

Les Amis foram reunidos em maio de 1995 para cumprir prioritariamente um desígnio: angariar os 10 milhões de francos necessários para a fundação da filialização do **Le Monde Diplomatique** dentro do Le Monde (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 502). Os “amigos”, leitores fiéis, foram fundamentais, nas palavras de Claude Julien, para contribuir, por vias materiais e intelectuais, ao desenvolvimento e à independência do **Le Monde Diplomatique** (JULIEN, 1996, p. 2).

Nome muitas vezes esquecido nessa história, Gunter Holzmann (1912-2001) foi muito importante para a revista. Ignacio Ramonet certa vez recebeu uma intrigante carta de um velho leitor do **Le Monde Diplomatique**. Era Holzmann, um antigo amigo de Hubert Beuve-Méry, militante na juventude socialista na década de 1930 e que vivia na Bolívia desde 1954. Há muito admirava o **Le Monde Diplomatique**, dizia a carta. Por volta de 1995, o admirador doou 5 milhões de francos (equivalentes à época a 1 milhão de dólares) para **Le Monde Diplomatique**, dinheiro investido na aquisição de ações do jornal. Em fevereiro de 2001, Ramonet lembrou a memória de Holzmann, morto em 6 de janeiro de 2001, como um amigo e um modelo.

Nascido na Breslávia (atualmente Wroclaw, Polônia), na histórica Silésia, agora alemã, numa família judia, Gunter Holzmann ainda jovem enfrentou os jovens nazistas, foi perseguido pela Gestapo, foi expulso da universidade. Tornou-se clandestino. Estudou medicina em Cambridge, Inglaterra, e se exilou no Peru, depois na Bolívia. Na América Latina, embarcou na defesa das culturas indígenas e, na década de 1950, tornou-se um dos pioneiros da luta ecológica. Na casa dos 80 anos, decidiu destinar parte de seu patrimônio ao **Le Monde Diplomatique** (RAMONET, 2001a, p. 2).

Desfeitos os laços mais fortes entre **Le Monde** e **Le Monde Diplomatique**, outros dois episódios marcariam mais uma vez as tensões entre as duas publicações. Em dezembro de 2001, diante das cartas de leitores inquietados com a divulgação da entrada da Le Monde S/A na Bolsa – e como isso impactaria na independência do **Le Monde Diplomatique** –, Ignacio Ramonet publicou um editorial esclarecendo as divisões acionárias da revista (24% para seus profissionais, 25% para seus leitores e 51% para Le Monde S/A, acionista majoritária) e criticando a lógica financeira cravada no *coeur* da empresa: “Ninguém duvida da vontade dos responsáveis do **Le Monde** de preservar a independência da empresa, e de que muitos bloqueios foram feitos para tal fim. Mas o que será dessa independência em caso de turbulências do mercado, de colapso nos valores das ações e de ataques de grandes predadores?” (RAMONET, 2001b, p. 2).

Não tardou a resposta do diretor do **Le Monde**, Jean-Marie Colombani. Na edição de janeiro de 2002, **Le Monde Diplomatique** deu vez às suas palavras:

Por que **Le Monde** decidiu abrir uma parte de seu capital ao público? “Por ser uma indústria (não uma indústria como as outras, pois o essencial de sua produção é imaterial, mas ainda assim uma indústria), a imprensa não pode se subtrair das leis que regem todo o desenvolvimento industrial [...]”. Essa frase de Hubert Beuve-Méry, proferida em 1956 pelo fundador do **Monde**, que não hesitou a fazer o elogio da “beneficente publicidade”, retorna a essa realidade elementar: a independência não pode ser verdadeiramente garantida sem as contas equilibradas, logo com um mínimo de rentabilidade. [...] Enfim, é um dogma “beuve-méryen” que **Le Monde Diplomatique** deve manter em mente, no momento em que alguns de seus membros se impliquem em atividades militantes: é preciso recusar todo engajamento partidário por jornalistas. Essa é a primeira garantia de independência que nós devemos a nossos leitores. (COLOMBANI, 2003, p. 2).

Em março de 2003, os jornalistas Pierre Péan e Phillippe Cohen publicaram **La face cachée du Monde** (Éditions Mille et Une Nuits), livro investigativo em que revelavam detalhes não tão orgulhosos da história do prestigiado jornal francês. Em abril de 2003, Ramonet publicou o editorial “*Le Monde et le Diplo*”, revisitando a

trajetória que levou à independência de **Le Monde Diplomatique**. A ideia do editorial era demarcar claramente uma linha a dividir as duas publicações, para acalmar leitores revoltados que pediram por esclarecimentos das relações entre **Le Monde Diplomatique** e a direção do **Le Monde**.

Dizia Ramonet, muito diplomaticamente: “Desde 1996, nossas análises foram muito diferentes das de **Le Monde** em diversos temas. Às vezes, como durante a guerra de Kosovo, os pontos de vista eram francamente opostos. Não nos privamos de expressar em nossas colunas as reservas que nos inspiravam, por exemplo, o projeto de entrada na Bolsa. Nós sublinhamos igualmente os riscos que implicava a incessante ampliação do grupo Le Monde [S/A]. A direção do grupo sempre respeitou nosso direito à crítica (RAMONET, 2003, p. 2). Na edição seguinte, Jean-Marie Colombani voltou às páginas de **Le Monde Diplomatique** respondendo ao editorial. Entre outras questões administrativas, Colombani destacou:

Le Monde Diplomatique e **Le Monde** podem ter, e tiveram, divergências editoriais. **Le Monde Diplomatique** é efetivamente um jornal de opinião – no singular –, **Le Monde** é um jornal de opiniões – no plural. E, se os pontos de vista editoriais do **Monde Diplomatique** são diferentes, se são criticados por **Le Monde**, eles mostram assim nossa liberdade: **Le Monde Diplomatique** é a prova da liberdade editorial dentro da família do **Monde**. Um ensinamento do último fórum de Porto Alegre é que não há modelo para o altermundialismo, mas que a pluralidade democrática, cultural e econômica é que trará as alternativas. A pluralidade de opiniões é um elemento disso. (COLOMBANI, 2003, p. 2).

Apesar de partilhar o selo da família **Le Monde**, **Le Monde** e **Le Monde Diplomatique** já traçavam trajetórias muito diferentes na década de 1990 e no início dos anos 2000, como duas publicações independentes, com linhas editoriais diferentes e, às vezes, em direções totalmente opostas.

Entre as direções tracejadas noutros campos, vale destacar os rumos tomados por **Le Monde Diplomatique** a partir de Ignacio Ramonet. Em tempos diferentes de Julien, Ramonet precisou lidar com outras questões relacionadas ao próprio *métier* do jornalista e do intelectual, numa sociedade marcada pelo *boom* imagético, a gênese da internet, o frenesi do tempo real e, na sua expressão, a “tirania totalitária da mídia” (RAMONET, 1999). Além de seus diversos livros com críticas à mídia, seus editoriais no **Le Monde Diplomatique** também reverberam a filosofia jornalística do sociólogo.

Em outubro de 1993, Ramonet criticava a crise de identidade e de personalidade da imprensa, destrinchando as motivações profundas no estremecimento de pilares

básicos do jornalismo. Primeiro, a própria ideia de informação mudou radicalmente: se antes era preciso responder às questões básicas do paradigma de Lasswell – quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como?, e por quê? –, agora a TV pretende mostrar a história em “tempo real”. Logo, as ideias de atualidade e de tempo também mudaram, de tal maneira que passou a imperar a ilusão de que a importância dos acontecimentos seria proporcional à sua riqueza imagética. Nesse transtorno midiático, Ramonet assinala um deslize fundamental: muitos passaram a acreditar que, confortavelmente instalados na poltrona mirando a espetacular avalanche de acontecimentos fragmentados na TV, estão se informando. “Um erro maiúsculo”, diz, que levaria a dois abismos midiáticos de nosso tempo: superinformação e desinformação. “E enfim, porque querer se informar sem esforço é uma ilusão que remete ao mito publicitário, antes que à mobilização cívica. Informar-se cansa. Esse é o preço que um cidadão paga para ter direito a participar com inteligência da vida democrática.” (RAMONET, 1993, p. 28). Do **Le Monde Diplomatique**, um posicionamento sobre a informação:

No **Monde Diplomatique**, consideramos que o fato de se informar continua sendo uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço, pedindo uma verdadeira mobilização intelectual. Uma atividade bastante nobre, na democracia, para que o cidadão aceite dedicar parte de seu tempo e de sua atenção. Se nossos textos são mais longos que os de outros diários e periódicos, é porque frequentemente é indispensável recordar as informações fundamentais de um problema, seus antecedentes históricos, sua trama social e cultural, sua espessura econômica para apreender assim toda sua complexidade. Cada vez mais leitores aceitam essa concepção exigente da informação e se mostram sensíveis diante de nossa maneira, sem dúvida imperfeita, mas sóbria, de observar a marcha do mundo. [...] Um mundo mais difícil de compreender, que exige do jornalista humildade, dúvida metódica, trabalho, pesquisa, imaginação e que naturalmente pede ao leitor mais esforço, mais atenção. Só a esse preço a imprensa gráfica pode abandonar os confortáveis bancos do simplismo dominante e se encontrar com aqueles leitores que desejam compreender para poder atuar melhor como cidadãos em nossas democracias adormecidas. (RAMONET, 1999, p. 28).

Num de seus livros mais críticos sobre a mídia, Ignacio Ramonet questionava o papel do jornalista atualmente. Via, na década de 1990, uma galopante *taylorização* da profissão: se um dia o jornalismo foi artesanato, agora é indústria – e o jornalista assume um papel coadjuvante nesse sistema, como meros transmissores de informações sob encomenda.

Le Monde Diplomatique muitas vezes é lembrado como espaço privilegiado para a articulação dos campos jornalístico, universitário e militante (WEIL, 2006; SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005; LATTEF, 2008). Se Julien avançou nas aproximações com o campo universitário, Ramonet atraiu o campo militante.

Três editoriais especialmente pontilharam essa trilha. Em fevereiro de 2005, o sociólogo cristalizou a crítica “*La pensée unique*” nas páginas de **Le Monde Diplomatique**. A seu ver, o “pensamento único” é a doutrina contemporânea neoliberal do capital internacional, que vem se definindo desde a década de 1940, com os acordos de Bretton-Woods (1944) e o Plano Marshall (1947). Diante das ruínas ideológicas do muro de Berlim e da URSS, arquitetou-se uma nova ordem fincada no capitalismo, alicerçada nos admiráveis avanços tecnológicos e sua fabulosa mundialização das informações, potencializando as teses neoliberais do *laissez faire*. Dizia Ramonet:

Enredados. Nas democracias atuais, cada vez mais os cidadãos livres sentem enredados, levados por uma espécie de doutrina viscosa que, imperceptivelmente, envolve racionalmente todos os rebeldes, inibe-os, perturba-os, paralisa-os e, eventualmente, reprime-os. Essa doutrina é o pensamento único, o único autorizado por uma invisível e onipresente polícia da opinião. Desde a queda do Muro de Berlim, o colapso dos regimes comunistas e da desmoralização do socialismo, a arrogância, a prepotência e insolência desse novo evangelho chegaram a tal ponto que nós podemos, sem exagero, descrever essa fúria ideológica como o dogmatismo moderno. O que é o pensamento único? A tradução em termos ideológicos da reivindicação universal dos interesses de um conjunto de forças econômicas e, em particular, do capital internacional. (RAMONET, 2005, p. 2).

O pensamento imperialisticamente “único” seria imposto por poderosas instituições econômicas, como Banco Mundial e FMI, aliadas às principais fontes de informação – sob o *prima principium*: a economia prevalece sobre a política.

Em dezembro de 1997, Ramonet publicou o editorial “*Désarmer les marchés*”. Na época, diante de uma nebulosa crise financeira internacional, o autor diagnosticava a mazela: a mundialização do capital financeiro, febril com as articulações tentaculares do Banco Mundial, FMI e OCDE, submetendo países e povos ao seu bel-prazer. E arriscava a alternativa: “O desarmamento do poder financeiro deve tornar-se o principal canteiro civil se quisermos evitar que o mundo do próximo século se transforme em uma selva onde os predadores farão a lei.” (RAMONET, 1997, p. 1).

Ignacio Ramonet revisitou o economista americano James Tobin (1918-2002), Prêmio Nobel de 1981, no editorial, ao propor a instituição de uma taxa de 0,1% sobre as transações financeiras internacionais a fim de reduzir as especulações no mercado financeiro – na estimativa do editor, o tributo recolheria cerca de 166 bilhões de dólares, o bastante para erradicar a pobreza extrema no fim do século XX. Assim aflorou a ideia da Action pour une Taxe Tobin d’Aide aux Citoyens (ATTAC), que logo se tornaria a Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l’Action Cityenne

(ATTAC)¹⁷, movimento-laboratório liderado por Ignacio Ramonet e Bernard Cassen contra a mundialização do capital neoliberal, sintonizado com as flamejas de Chiapas (1994) e Seattle (1999), que culminaria no primeiro Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (2001).

Idealizado como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial (símbolo do capitalismo financeiro, por reunir as principais lideranças da economia mundial), em Davos, Suíça, o primeiro encontro na capital gaúcha reuniu cerca de 20 mil participantes, entre ativistas, artistas, estudantes, intelectuais e líderes de movimentos sociais, em busca de alternativas para construir “outro mundo possível”. Em busca, nas palavras de Milton Santos:

[...] [d]a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem. De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história. (SANTOS, 2004, p. 21).

Estaria a resposta em Davos? Não, em Porto Alegre. Floresceu assim o movimento *altermundialista*, com contribuições de articuladores como o empresário israelo-brasileiro Oded Grajew, o arquiteto brasileiro Francisco Whitaker e o editor Bernard Cassen, reunidos na redação parisiense de **Le Monde Diplomatique**, arquitetos do altermundialismo, diria Maxime Szczepanski-Huillery – ao mesmo tempo catalisado pelo primeiro *boom* da internet e das manifestações contrárias à globalização neoliberal, catalisador de expectativas sobre as alternativas possíveis diante da globalização neoliberal. Se Julien firmou o antiimperialismo na linha de **Le Monde Diplomatique**, Ramonet rubricou o antineoliberalismo – e atraiu adentro militantes e movimentos sociais, *i.e.* ATTAC, o Fórum Social Mundial, o Observatoire Français e o Observatório

¹⁷ O nome do economista James Tobin não demorou para ser riscado do título do movimento, que manteve o acrônimo: de Action pour une Taxe Tobin d’Aide aux Citoyens (ATTAC) para Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l’Action Cityoenne (ATTAC). Nos artigos, discursos e livros, os líderes da ATTAC-France buscaram distinguir suas ideias, sem comprometer Tobin. Assim, buscaram não implicar Tobin, que nunca foi identificado como ativista ou articulador. Outra razão para a mudança do título do movimento está nos campos visados para atuação: a ATTAC-France vê a tributação das transações financeiras como alternativa para lutar contra a globalização neoliberal, assim como contra as multinacionais e a Organização Mundial do Comércio (OMC). No inverno de 1998, Bernard Cassen conversou com James Tobin ao telefone, convidando-o para uma conferência sobre a Taxa Tobin, que se realizaria em janeiro de 1999, em Paris. A conversa foi cordial, mas Tobin deixou claro que não era um “revolucionário” – e que, por outros motivos, não poderia comparecer ao evento. Cassen garantiu ao economista que respeitava e compreendia perfeitamente.

Internacional de Mídias (HARVEY, 2011, p. 20). Na época, **Le Monde Diplomatique** ficou marcado como o jornal “não-oficial” do movimento altermundialista.

Para Szczepanski-Huillery, **Le Monde Diplomatique** se reservou de um status ambíguo no movimento, ao mesmo tempo *outsider* e *insider*. Por um lado, foi um dos principais percussores da nebulosa altermundialista na França. Por outro, transgredindo fronteiras dos universos jornalísticos, militantes e universitários, preservou relativa distância ao não se definir definitivamente sob selos teóricos e ideológicos: “Nem marxista-leninista, nem *gauchiste*, o *mensuel* não é feito por militantes, e nunca pôs seu nome, antes do nascimento da ATTAC, ao serviço de um grupo ou de um partido, apesar de suas simpatias expostas aqui e ali.” (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 168).

Em janeiro de 2000, por fim, Ramonet publicou o editorial “*L’aurore*”, pessimista sobre as arbitrariedades e deliberações do mercado financeiro, otimista sobre as possibilidades da sociedade civil mobilizada:

Por muito tempo despossuídos da palavra, os cidadãos disseram em alto e bom som: “Basta!” Basta de aceitar a mundialização como uma fatalidade. Basta de ver o mercado decidir no lugar dos eleitos. Basta de ver o mundo transformando em mercadoria. Basta de passividade, de resignação, de submissão. (RAMONET, 2000a, p. 1).

No editorial, o sociólogo dava pistas sobre o que espera do novo milênio:

Pois agora é preciso sonhar com a construção de um futuro diferente. Não é mais o caso de se contentar com um mundo onde só há duas medidas: o zero e o infinito. Onde um bilhão de habitantes vive na prosperidade enquanto outro bilhão está na miséria e quatro bilhões dispõem apenas do mínimo vital. É tempo de fundar uma nova economia, mais solidária, apoiada no desenvolvimento durável, que situe o ser humano no centro das preocupações. Começando por desarmar o poder financeiro que, ao longo das últimas décadas, não parou de corroer o território do político, reduzindo o perímetro da democracia. (RAMONET, 2000a, p. 1).

Tais editoriais marcaram as posições editoriais e políticas de **Le Monde Diplomatique**. Marcaram ainda um momento em que a revista renovou sua relevância internacional. Após a tímida estreia com uma tiragem de 5 mil exemplares na década de 1950, o magazine saltou para 50 mil sob a direção de Claude Julien na década de 1970 – e, até 1990, catapultou a marca de 150 mil. Nos tempos de Ignacio Ramonet, entre 1990 e 2000, atingiu o máximo histórico de 357 mil exemplares (RABADÁN, 2009, p. 262-263). Assim, feito por e para intelectuais, entre críticos contemplativos e, ao mesmo

tempo, agitadores políticos (JULIEN, 2005), **Le Monde Diplomatique** conquistou seu lugar no painel da imprensa internacional.

Eleito em 1990 e reeleito em 1996 e 2002, Ramonet passou mais de 16 anos na direção de **Le Monde Diplomatique** – “tempos demais”, diria. Em 2008, não quis disputar mais um mandato, abrindo caminho para outros talentos do tabloide. Essa foi a história oficialmente narrada e impressa na página 2 da edição de março de 2008. Nos bastidores, extraoficialmente, a história não foi simples assim.

Alain Gresh, Bruno Lombard e Maurice Lemoine tentaram disputar o posto, mas não venceram. A escolha do diretor de **Le Monde Diplomatique** é assim fragmentada: a Association Gunter Holzmann indica um candidato, que deve ser avaliado pela Association Les Amis du Monde Diplomatique e, depois, **Le Monde**, ainda acionista majoritário, pode se pronunciar sobre a escolha. No fim de 2007, diante da saída de Ramonet, o impasse para escolher um novo diretor não se deu por implicações do **Monde**, como se poderia imaginar, mas a divisões internas no **Monde Diplomatique**.

A estrutura tripartida do **Monde Diplomatique** tenta equilibrar interesses às vezes divergentes. A Association Gunter Holzmann, vale lembrar, reúne os profissionais da redação (editores, estagiários, redatores, repórteres, secretários etc.) que, idealmente, defendem a independência redacional. A Association Les Amis du Monde Diplomatique reúne leitores, muitos engajados e militantes, que defendem certos ideais e linhas editoriais mais marcadas. Por fim, a Le Monde S/A que, grosso modo, defende a rentabilidade da revista. Assim, a gazeta precisa se equilibrar entre esses escopos, às vezes convergentes, outras contraditórios (HARVEY, 2011, p. 94).

O editor Alain Gresh foi o primeiro a se declarar candidato – mas teve apenas 9 dos 20 votos na AGH. Nascido no Egito em 1948, Gresh mudou-se com a família na década de 1970 para Paris, onde cursou matemática na Université Paris VII, árabe no Institut National des Langues et Civilisations Orientales. Doutorou-se com uma tese sobre a Organização para Libertação da Palestina (OLP) na École des Hautes Études en Sciences Sociales em 1983. Desde 1985 integra a redação do **Le Monde Diplomatique**.

Segundo Harvey, Gresh estaria no centro de uma das principais clivagens dentro da redação de **Le Monde Diplomatique**: a dita fratura pós-colonial e a discussão sobre o Islã. A fratura pós-colonial discute diversas questões alavancadas com a colonização francesa e a descolonização: as relações entre França e África, por exemplo. Outro ponto de tensões é o posicionamento no conflito israelo-palestino nas páginas do **Le Monde Diplomatique**. Entretanto, entre diversas questões delicadas, na realidade

francesa, o Islã político é a pedra de toque para as discussões internas do **Le Monde Diplomatique**.

A expressão fratura pós-colonial é versada para criticar uma herança dos tempos coloniais – certos pensadores, como Alain Gresh, afirmam que a França ainda precisa acertar as contas com a memória, talvez amnésia, colonial. Advogam ainda que o Islã político pode ser socialmente progressista, dando continuidade às lutas antiliberais. A discussão opõe duas correntes políticas: os republicanos (laicistas, às vezes abertamente anticlericais e islamofóbicos) e os antigos comunistas (ateus majoritariamente, mais favoráveis à tolerância diante da cultura muçulmana). Um exemplo: a publicação das caricaturas de Maomé no dinamarquês **Jyllands-Posten**, em setembro de 2005 (os *cartoons* foram republicados no semanário satírico francês **Charlie Hebdo**, em fevereiro de 2006 – quase 15 anos, vale lembrar, antes do atentado contra a redação, que provocou a morte de Stéphane Charbonnier (o Charb, diretor da revista desde 2009), Georges Wolinski (“o” Wolinski), Jean Cabut (Cabu) e Bernard Velhac (Tignous), entre outros).¹⁸ Nos idos de 2005/2006, no **Le Monde Diplomatique**, de um lado, uns viram o *cartoon* como forma de racismo. De outro, uns arriscavam que os árabes manifestantes deviam pedir “desculpas” ao governo dinamarquês (HARVEY, 2011, p. 184-190).

O diretor financeiro Bruno Lombard, indicado por Jean-Marie Colombani, foi o segundo a arriscar o cargo – recebeu 11 dos 20 votos na AGH, mas não foi avalizado pelos Amis du Monde Diplomatique, não por desavenças ideológicas (como foi o caso da negativa a Alain Gresh), mas por simples lógica: Lombard não era nem universitário, nem jornalista, nem “intelectual” (HARVEY, 2011, p. 101).

O editor Maurice Lemoine considerou a possibilidade de disputar o cargo, mas via chances mínimas de conquistar o apoio de mais de dez colegas na AGH, também devido a discordâncias internas. Por fim, Serge Halimi apresentou sua candidatura, obtendo unanimidade tanto na AGH quanto nos Amis du Monde Diplomatique – só

¹⁸ Na manhã de 7 de janeiro de 2015, três terroristas abriram fogo contra a redação do **Charlie Hebdo**, no 11º *arrondissement*. Além de vigílias Paris afora, tributos proliferaram internet adentro: primeiro, a mensagem *je suis Charlie*, em homenagem aos cartunistas assassinados; no paralelo, a mensagem *not in my name*, vindo de jovens muçulmanos, criticando as motivações dos autores do atentado – que teriam ligações com a Al-Qaeda no Iêmen. Lembrada como uma revista provocativa, satírica, “subversiva”, anticlerical e às vezes antirreligiosa, **Charlie Hebdo** se tornou um símbolo da liberdade de imprensa para uns, levantando discussões intelectuais inquietantes na imprensa internacional a respeito da liberdade de imprensa e do discurso de ódio, do terrorismo islâmico e da islamofobia. Para outros, porém, o episódio se tornou carta na manga para os líderes europeus intensificarem medidas extremas de vigilância em nome do combate contra o terrorista. A questão, extremamente controversa, acalentou discussões sobre a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e a própria ideia de imperialismo.

depois **Le Monde** validou, velozmente, a escolha do novo diretor. Assim se abriu o tempo de Serge Halimi.¹⁹

2008: o tempo de Serge Halimi

Tempos diferentes, certamente, dos passados por Claude Julien e Ignacio Ramonet. Serge Halimi assumiu a direção de **Le Monde Diplomatique** num momento mais delicado para a continuidade da relevância internacional da revista. Por um lado, o furor altermundialista começou a esfriar, que assumiu mais fortemente seu caráter difuso e diluído ao longo do tempo. Por outro, o raiar da crise financeira internacional de 2008, considerada o mais grave colapso econômico desde o *crash* de 1929. Além disso, o próprio *métier* do jornalista e do intelectual tropeçou num novo contexto, em que as condições técnicas alteraram o ritmo, o estilo e o eixo da produção da informação. Num contexto midiático pautado pelo ritmo frenético da internet, destino de muitos leitores, preservar o papel do papel se tornou um desafio para as mais diversas publicações, da direita à esquerda. Halimi, portanto, precisou, aliás, precisa lidar com outras adversidades à frente de **Le Monde Diplomatique**.

Conflitos internos também marcaram a redação do **Le Monde Diplomatique** nos últimos tempos. Desde 2004, a difusão da revista caiu consideravelmente, reflexo da dissipação do movimento altermundialista e da ATTAC.²⁰ As estreitas relações entre ATTAC-France e **Le Monde Diplomatique** não eram unanimemente acordadas na redação, pois, para muitos, o envolvimento poderia comprometer a independência da revista. Em 2005, as turbulentas campanhas para o conselho do movimento implicaram acusações de fraude eleitoral – num momento em que Ramonet e Cassen eram presidentes de honra.

A jornalista Flavie Holzinger aclarou o *affair* ATTAC-France: Jacques Piconoff presidia o movimento e, ao lado de Bernard Cassen e Michèle Dessenne, defendia uma direção mais forte, para garantir um movimento mais independente *vis-à-vis* os

¹⁹ A partir de 2008 na direção de **Le Monde Diplomatique**, Serge Halimi contou com Alain Gresh como diretor adjunto, Maurice Lemoine como redator-chefe, depois Anne-Cécile Robert, Martine Bulard e Philippe Rivière como redatores-chefes adjuntos. A partir de 2010 assumiu como redatora-chefe Martine Bulard, ex-**L'Humanité**.

²⁰ Segundo informações oficiais de **Le Monde Diplomatique** sobre a difusão da edição francesa: 1994 – 153.600 exemplares; 1995 – 162.408 exemplares; 1996 – 180.738 exemplares; 1997 – 180.906 exemplares; 1998 – 189.855 exemplares; 1999 – 204.586 exemplares; 2000 – 191.770 exemplares; 2001 – 211.527 exemplares; 2002 – 228.164 exemplares; 2003 – 240.226 exemplares; 2004 – 206.604 exemplares; 2005 – 199.766 exemplares; 2006 – 180.821 exemplares; 2007 – 166.853 exemplares; 2008 – 171.274 exemplares.

sindicatos e outros movimentos sociais; porém, os três vice-presidentes, Susan George, Gustave Massiah e François Dufour, e os instituidores e integrantes sindicalistas queriam manter a ATTAC-France como *carrefour* de ações e movimentos sociais e políticos (HOLZINGER, 2013, p. 266). Uma comissão revelou fraude nas eleições de 2005/2006 – e Pikonoff, linchado midiaticamente, recebeu manifestações de solidariedade de Ramonet e Cassen.

Por estar no **Le Monde Diplomatique**, por fundar e presidir simbolicamente a ATTAC, Berard Cassen via sua legitimidade lhe garantir certa tranquilidade, apesar das divergências no movimento. Assim Cassen se via “intocável”, na sua expressão, diferentemente de seu sucessor, Pikonoff.

Feitos por correspondência, os votos foram armazenados num domingo de maio de 2006 – e deveriam ter sido contados no mesmo dia, mas não foram. No domingo, predominava uma expectativa sobre o vencedor, mas na terça-feira, a situação se inverteu totalmente, suscitando a suspeita de que as cédulas tinham sido falsificadas. Assim que as acusações foram feitas, Cassen sugeriu procurar a justiça para prestar queixa e iniciar investigação, que se desenrolou a partir de 1.º de dezembro de 2006. O juiz Benoit Giraud, do Tribunal de Grande Instance de Bobigny, assim julgaria a questão em 13 de agosto de 2009: “Considerando que o contexto muito hostil e muito conflitual em que foram realizadas as eleições na primavera de 2006 e que as análises estatísticas não podem, por si só, estabelecer evidência de fraude eleitoral e ainda menos de indicar seus autores, a referida fraude é indubitavelmente provável, mas longe de ser provada”.

Em 2006, o historiador Nicolas Harvey presenciou essas tensões na redação, que culminaram no pedido de demissão do redator-chefe Alain Gresh e do redator-chefe adjunto Dominique Vidal, de suas funções hierárquicas, permanecendo na redação como simples jornalistas. O porquê: Gresh e Vidal discordavam das intervenções de Ignacio Ramonet e Bernard Cassen sobre a disputa pela direção da ATTAC-France²¹. Desse modo, Maurice Lemoine assumiu como redator-chefe, Anne-Cécile Robert e Serge Halimi como redatores-chefes adjuntos.

Ao ser escolhido diretor em 2007/2008, após as tentativas frustradas de Alain Gresh, Bruno Lombard e Maurice Lemoine, Serge Halimi simbolizava uma terceira via

²¹ Enquanto Ramonet participava como pessoa física da ATTAC, a Le Monde diplomatique S/A e a Association Gunter Holzmann participavam como pessoa jurídica. Após a verificação de fraude nas eleições da ATTAC, Le Monde Diplomatique S/A e Association Gunter Holzmann se retiraram do movimento (HARVEY, 2011, p. 33; 232-233).

a conciliar duas vertentes políticas muito fortes no **Le Monde Diplomatique**: de um lado, um clã de republicanistas, como Bernard Cassen e Maurice Lemoine; de outro, um polo de antigos comunistas, como Alain Gresh e Dominique Vidal – vertentes que estavam se colidindo e se cristalizando, misturando questões pessoais, profissionais e ideias políticas nas discussões. Assim, Halimi despontava como uma alternativa para conciliar tais diferenças.

Filho da advogada feminista Gisèle Halimi, Serge Halimi nasceu na Tunísia, em 1955. Desde 1992 no **Le Monde Diplomatique**, doutorou-se em ciências políticas na University of California, Berkeley, e lecionou na Université Paris VIII entre 1994 e 2000. Colaborou com o satírico **Charlie Hebdo** e com o crítico **Là-bas si j'y suis** na rádio France Inter. Entre outros títulos, publicou **Quand la gauche essayait** (Arléa, 1993) e **Les nouveaux chiens de garde** (Raison d'Agir, 1997).

De suas ideias sobre o papel do jornalismo: no livro **Les nouveaux chiens de garde**, prefaciado por Pierre Bourdieu, Halimi esquadrinha uma análise crítica sobre o considerado conluio entre os poderes econômico, midiático e político. Faz referência ao livreto **Les chiens de garde** de 1932, em que o jovem jornalista comunista Paul Nizan (1905-1940) criticava as análises de certos filósofos de sua época que fomentavam a perpetuação de uma filosofia idealista distante da realidade, da miséria material, das mazelas, da guerra – os cães de guarda. Para Halimi, por sua vez, os novos cães de guarda ladrariam nos microfones, atingindo decibéis mais altos que nos púlpitos. Distorceriam as realidades sociopolíticas, servindo aos interesses dos *maîtres* do mundo. Arremata, na última página do livro:

Referindo-se aos jornalistas de seu país, um sindicalista americano observou: “Há 20 anos, eles almoçavam conosco nos cafés. Hoje, eles jantam com os chefes”. Encontrando apenas os “tomadores de decisão”, iludindo-se numa sociedade de direito e dinheiro, transformando-se em máquinas a propagar o pensamento do mercado, o jornalismo se trancou numa classe e numa casta. Perdeu seus leitores e sua credibilidade. Precipitou o empobrecimento do debate público. Essa situação é própria de um sistema: códigos de ética não vão mudar muita coisa. Mas, frente ao que Paul Nizan designava “conceitos dóceis que ordenam os caixas sonhadores do pensamento burguês”, a lucidez é uma forma de resistência. (HALIMI, 2005).

Em outubro de 2009, Halimi revisitou a questão sobre os rumos do jornalismo no editorial “*Notre combat*”, no **Le Monde Diplomatique**. O editor lembra que há décadas a revista propalava a formação de um turbilhão econômico, que viria a irromper e devastar redações. E, por fim, faz um apelo a seus leitores, para tomar parte na batalha

das ideias e transmitir a novos leitores a *manière de voir* singular de **Le Monde Diplomatique** (HALIMI, 2009, p. 28).

Em outubro de 2010, outro “*Notre combat*” foi publicado, lembrando a campanha ao apelar aos leitores para angariar fundos, convidar amigos para assinar a revista, adquiri-la mais frequentemente nos quiosques. Em três meses, 1.648 leitores contribuíram com um total de 164.321 euros para o magazine, que pôde equilibrar enfim as contas da casa (HALIMI, 2010b, p. 2). Halimi recorda que tais donativos se voltaram para amparar ainda mais solidariamente as finalidades do **Le Monde Diplomatique** de acordo com seus valores editoriais: garantir preços mais acessíveis da revista nos países pobres, acompanhar edições estreantes (à época, a húngara e a curda), acompanhar edições economicamente difíceis (como a armênia e a peruana). Nessa linha, a direção francesa dedicou 82.000 euros para equilibrar as tarifas preferenciais nos países do hemisfério sul, 83.000 euros para ajudar as edições internacionais,²² 63.000 euros para investir em investigações e reportagens, 54.000 euros para indexar digitalmente o arquivo histórico do **Le Monde Diplomatique** (HALIMI, 2010b, p. 2).

Para Halimi, o jornalismo mingua há muito tempo, por questões de princípios da profissão. Um pilar da estrutura, marcada por novos “feudos hereditários” – os impérios de Arnault, Berlusconi, Boygues, Murdoch, Slim etc. Outro, a internet – mas, adverte, o jornalismo já vacilava antes da internet, com as estruturas redacionais, as pressões publicitárias e de outras ordens. Halimi vê a internet como ferramenta a contribuir para aumentar o impacto do magazine mundo afora, mas não para garantir sua existência. Diz, assim, em tom melancólico:

²² **Le Monde Diplomatique** foi difundido na América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Venezuela), na Ásia (Coreia do Sul, Índia, Japão), na Europa (Alemanha, Armênia, Bulgária, Bielorrússia, Croácia, Espanha, Eslováquia, Eslovênia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Itália, Luxemburgo, Noruega, Polônia, Portugal, República Tcheca, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia) e no Oriente Médio (Arábia Saudita, Curdistão, Dubai, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Kuwait, Palestina) em diferentes momentos ao longo de sua trajetória. Além do francês, do inglês e do espanhol, foi traduzido para idiomas mais “distantes”, como curdo sorâni, curdo kurmandji, esperanto, farsi e finlandês, entre outros. É difícil precisar o número de edições internacionais, pois a rede é muito fluida e às vezes frágil, assim muitas versões são repentinamente encerradas – e, não raro, há discrepâncias nos números apresentados pelas edições espalhadas mundo afora. Em novembro de 2006, o periódico atingiu a marca de 65 edições internacionais, em 25 idiomas além do francês. Segundo informações oficiais do **Monde Diplomatique**, datadas de fevereiro de 2013, eram 47 edições internacionais (39 versões impressas e 8 estritamente eletrônicas). Ainda de acordo com dados da matriz francesa, atualizados em fevereiro de 2015, eram 35 edições internacionais (30 impressas e 5 eletrônicas), em 19 idiomas.

Evidentemente, o declínio do altermundialismo nos afetou mais duramente que a outros. Ainda que a hegemonia intelectual do liberalismo tenha sido questionado, sua argila se endureceu rapidamente. Se a crítica não é suficiente, a proposta tampouco: a ordem social não é um texto que bastaria “desconstruir” para que se recomponha por si mesmo; muitas ideias arranham o mundo real, sem derrubar seus muros. Não obstante, às vezes se espera de nós que os acontecimentos se dobrem nossas esperanças comuns. E, caso contrário, nos julgam um tanto deprimentes [...]. (HALIMI, 2009, p. 28).

Serge Halimi finaliza o editorial com um convite ao leitor: lembrar as razões para se ler **Le Monde Diplomatique**. Para tanto, recorda a identidade da revista:

Quem mais continuará a financiar um jornalismo de interesse geral aberto ao mundo, dedicar duas páginas aos mineiros da Zâmbia, à marina chinesa, à sociedade letã? Esse periódico não está isento de defeitos, mas encoraja os autores que viajam, investigam, saem de suas casas, ouvem, observam. Os jornalistas que concebem o periódico não são nunca convidados aos jantares dos poderosos, não “flertam” com os lobbies farmacêuticos ou o setor financeiro, não são *habitués* da grande mídia. Estes, aliás, que transformam cada “nova fórmula” doutros jornais e transformam suas *revues de presse* em morada reservada a cinco ou seis títulos, sempre as mesmas, ocultando diligentemente **Le Monde Diplomatique** apesar de seu impacto internacional inigualável. Basicamente, é o preço da nossa singularidade. (HALIMI, 2009, p. 28).

A singularidade de **Le Monde Diplomatique** é marcante, de fato. Singularidade esta, vale dizer, diversas vezes destacada em metadiscursos elogiosos. Singularidades como a redação mais horizontal e especializada, a linha marcadamente anti-imperialista e anti-neoliberal, o estilo mais analítico do *journal* realizado tal qual uma revista, reunindo diferentes gêneros jornalísticos, entre artigos, editoriais, manifestos, reportagens especiais, textos literários e assim por diante. Híbrida entre um jornal e uma *revue intellectuelle*, para abraçar essas pretensões, a revista integra redatores, correspondentes e colaboradores vindos de diferentes horizontes, convergindo campos intelectuais, jornalísticos e militantes.

Halimi define a linha editorial de **Le Monde Diplomatique** a partir de dois eixos ideológicos: primeiro, na década de 1950 com Claude Julien, a sensibilidade despertada pelo Terceiro Mundo; segundo, na década de 1970 e mais na década de 1980, a animosidade contra a política neoliberal.

Se um periódico, como propõe Serge Halimi, é a soma dos assuntos abordados e dos descartados, dos autores escolhidos e dos esquecidos (HALIMI, 2011, p. 2), resta investigar a lógica que pauta a primazia de determinados assuntos e autores, assim como a recusa de outros. A identidade singular do **Le Monde Diplomatique**, assim, se

firma em oposição ao outro – este simbolizado por um jornalismo alvo de críticas de editores como Cassen, Ramonet e Halimi.

Em julho de 2010, **Le Monde Diplomatique** voltou marcar posição, mais uma vez, em relação a **Le Monde** que, nas palavras de Serge Halimi, por décadas tentou impor sua influência ideológica ao constituir um gigante grupo midiático, um objetivo megalomaníaco. Uma página virada na história da imprensa francesa, pois **Le Monde** agora passaria a outras mãos: as dos empresários Xavier Niel, Pierre Bergé et Matthieu Pigasse. Diz Halimi:

Os novos acionistas serão os donos do título. A esses potenciais investidores, não há nada além do dinheiro. Projeto editorial, eles dizem não ter. Mas suas ideias, ao expressá-las, se inscrevem no perímetro exigido de um centralismo liberal, atlantista, europeu e federalista. (HALIMI, 2010b, p. 2).

O editor, enfim, aclara novamente: sim, **Le Monde** detém 51% do capital do **Le Monde Diplomatique**, muito embora a revista seja editada por uma sociedade e uma redação distintas, com diretor escolhido de maneira distinta, com uma linha editorial distinta. Segundo Halimi, tal estrutura garante a independência do **Le Monde Diplomatique**, de maneira que a recapitalização do **Le Monde** não impactaria a revista, esta almejando, vale lembrar, uma singularidade editorial.

Considerações finais

Uma revista original, mas, como vimos, também campo de tensões e conflitos não só nas rivalidades entre **Le Monde** e **Diplomatique**, mas nas discordâncias e conflitos de ordem editorial dentro do próprio **Le Monde Diplomatique**, como quaisquer campos intelectuais. A linha de **Le Monde Diplomatique**, aliás, se adjetiva de diversas maneiras segundo os olhares diferentes de seus intelectuais – à esquerda, alternativa, altermundialista, terceiro-mundista, republicanista, revolucionária, de “contrainformação”, de “contrapoder” e assim por diante. As etiquetas são muitas.

Le Monde Diplomatique está, de fato, à esquerda, mas talvez mais ao centro-esquerda, talvez mais à esquerda da esquerda, a julgar pelas pupilas diversas a mirá-lo. No seu bojo e no seu *bureau*, afinal, intelectuais e jornalistas têm trajetórias pessoais, profissionais e militantes diferentes. É possível identificar correntes ideológicas predominantes dentro do **Le Monde Diplomatique**: esquerda cristã (tais como Claude Julien e Micheline Paunet), esquerdistas libertários (Serge Halimi), antigos comunistas

ou neocomunistas (Alain Gresh, Martine Bulard e Dominique Vidal) e republicanos de esquerda (Bernard Cassen) – não precisamente pelas definições ideológicas de tais expressões, mas pelas trajetórias intelectuais de seus representantes, lembrando ainda que muitos podem perpassar tais tipos (HARVEY, 2011, p. 161-180).

De Julien, por exemplo: militante na Jeunesse Étudiante Chrétienne (JEC), na Jeunesse Ouvrière Chrétienne (JOC) e jornalista na revista **La Vie Catholique Illustrée**, simbolizaria uma esquerda cristã – mas menos ideológica e religiosa, mais relacionada a posições políticas: uma crítica radical do nacionalismo, traduzido nos anos 1950 e 1960 no apoio a movimentos de descolonização, nos 1970 e 1980 ao terceiro-mundismo, nos 1990 e 2000 à construção europeia (HARVEY, 2011, p. 161).

Cassen, por sua vez, representaria a linha republicana. Professor do Lycée Henri IV, depois professor do Institut d'Études Européennes da Université Paris VIII, foi diretor de uma missão interministerial de informação científica entre 1981 e 1985, tempos de Jean-Pierre Chevènement como ministro de ciência e tecnologia. Paralelamente à carreira universitária e jornalística, foi ativo no Le Cercle Condorcet e na Maison de l'Amérique Latine, fundou a ATTAC-France e foi um dos principais idealizadores do Fórum Social Mundial. Para Harvey, o viés republicano se expressa num eurocepticismo marcante, com ideias laicistas e soberanistas para as diversas repúblicas como resistência às hegemonias – o que levaria a certa admiração por personalidades da esquerda latino-americana, como Fidel Castro e Hugo Chávez (HARVEY, 2011, p. 166).

De Vidal, entre outros exemplos: representaria antigos comunistas – ou, como certos autores preferem, “neocomunistas”. Filho de Haïm Vidal Sephiha, professor emérito do Institut Universitaire d'Études Juives Elie Wiesel de Paris, Vidal estudou filosofia e história, atuou no Maio de 1968, aderiu à Union des Étudiants Communistes em 1969, onde conheceu Alain Gresh. Vidal foi jornalista na revista *Révolution*, mas, foi demitido em 1987, devido a suas críticas aos regimes comunistas na Europa oriental, com outros sete amigos. Por “neocomunista”, compreende-se características diversas como a crítica ao tratado da Constituição Europeia, a crítica à cumplicidade/implicações do **Le Monde Diplomatique** com a ATTAC-France, à posição mais favorável a questões religiosas e ao Islã político mais progressista (HARVEY, 2011, p. 171).

Halimi, por fim, simbolizaria a linha libertária. Diplomado no Sciences-Po e na Université Paris I – Sorbonne, professor no Institut d'Études Européennes da Université Paris VIII, Halimi se destacou no campo intelectual, principalmente na crítica à mídia.

Harvey se refere por libertário a particularidades como as junções entre a universidade e a militância esquerdista de tom anarquista (HARVEY, 2011, p. 176).

Nada, afinal, é preto no branco. Diferentes tons coloriram as páginas de **Le Monde Diplomatique** ao longo de sua trajetória. O magazine viu sua linha editorial avançar, distendendo-se sem se romper drasticamente. Desde os tempos de François Honti, a vocação internacional foi aprimorada, dando voz a colaboradores vindos dos países retratados, que compreendem de fato a realidade desses locais. A partir das direções de Claude Julien e Ignacio Ramonet, a vocação intelectual e política se firmou, articulando diálogos mais expressivos com outras vozes, muitas afinadas, muitas dissonantes. E, nos tempos atuais, é a vez de Serge Halimi imprimir novos entretons na revista.

Entre o jornalismo e a história, o papel pretendido por intelectuais no **Le Monde Diplomatique** é participar do debate público, contribuir para questões importantes internacionais, construir propostas alternativas. Contemplar o mundo, mas também agitá-lo. Às versões consideradas superficiais e conservadoras da história vulgarizada e divulgada na mídia, o magazine privilegia outro olhar – expressão esta que volta diversas vezes às vozes e às páginas de **Le Monde Diplomatique**. Ainda nessa linha, nos últimos tempos, a gazeta publicou a primeira edição de um **Manuel d’histoire critique**, um “contra-manual” crítico que retraça o desenvolvimento do mundo da revolução industrial a nossos dias, passando pelas principais transformações sociais, descobertas científicas e discussões intelectuais (BRÉVILLE, 2014, p. 14-15). Por iniciativas assim, **Le Monde Diplomatique** abre possibilidades de aproximação com a história, pela semelhança dos métodos (análises de conjuntura, apontamento dos interesses envolvidos, perspectiva dilatada, análises de causas, previsão de consequências, entre outros) (VICENTE, 2009, p. 191).

Diante dessas singularidades editoriais e políticas, **Le Monde Diplomatique** atraiu olhares para além das fronteiras francesas, tornando-se ainda mais internacional. Ou, como afirma Dominique Vidal: “Esta abertura ao mundo não é de ontem. Muito cedo, **Le Monde Diplomatique** pretendeu ser um jornal internacional realizado na França, muito mais que um jornal francês vendido no exterior.” (VIDAL, 2006, p. 27). Isso permite compreender como a revista atraiu tantos jornalistas e intelectuais mundo afora, desejosos de iniciar uma edição própria em seus países, o que, no fim, transformou **Le Monde Diplomatique** em um fenômeno único na imprensa internacional.

Le Monde Diplomatique's trajectory: intellectuals, press and critical perspective

Abstract

Anchored in the history of intellectuals, the political history and the history of present time, this article analyses **Le Monde Diplomatique's** development, highlighting the role played by journalists and intellectuals in the definition of its editorial guideline. Founded in 1954, in Paris, by Hubert Beuve-Méry, **Le Monde Diplomatique** had its ideas spread across several countries – in February 2013, the magazine had more than 40 international, an unique case in the international press. Throughout time, **Le Monde Diplomatique** had its style marked by politicized editorial guidelines, professedly anti-imperialist and anti-neoliberal.

Keywords: Le Monde Diplomatique; Press; Intellectuals.

REFERÊNCIAS

ABI KARAM, Naïla. **Le conflit libanais d'après les articles du Monde Diplomatique (1973-1983)**. 1984. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Université de Paris II, Panthéon-Assas, Paris, 1984.

BATALHA, Elisa de Santana. **A mídia altermundialista: a participação do Le Monde Diplomatique no Fórum Social Mundial**. 2006. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Porto Alegre, 2006.

BRÉVILLE, Benoît. Pour remettre l'histoire à l'endroit. **Le Monde Diplomatique**, Paris, set. 2014. p. 4-5.

BURROWES, Patrícia. **Le Monde Diplomatique: um jornal para pensar**. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2002.

CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. (Traduzido por Ilka Stern Cohen). Bauru: EDUSC, 1999.

COLOMBANI, Jean-Marie. Le Monde et le Diplo. **Le Monde Diplomatique**, Paris, maio 2003. p. 2.

COMPAORE, Mamadou. **Le Monde Diplomatique et les conflits en Afrique de 1989 à 1994**. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Université de Paris II, Panthéon-Assas, Paris, 1994.

ENDEWELD, Marc. **Une alternative dans la presse? Questions autour de la presse d'opinion**. Toulouse: Institut d'Études Politiques, 2004.

FAUVET, Jacques. A nos lecteurs. **Le Monde Diplomatique**, Paris, jan. 1973. p. 1.

FLORENNE, Yves. François Honti. **Le Monde Diplomatique**, Paris, out. 1974. p. 4.

FONTAINE, André. 1959 marque un tournant dans la diplomatie. **Le Monde Diplomatique**, Paris, jan. 1960. p. 1-3.

GHILES-MEILHAC, Samuel. **Le Monde Diplomatique et Israël (1954-2004)**: histoire moderne de l'Etat juif à travers un journal français de référence. 2005. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Institut d'Études Politiques, Grenoble, 2005.

HALIMI, Serge. **Les nouveaux chiens de garde**. Paris: Raison d'Agir, 2005.

HALIMI, Serge. Notre combat. **Le Monde Diplomatique**, Paris, out. 2009. p. 28.

HALIMI, Serge. “Le Monde” et nous. **Le Monde Diplomatique**, Paris, jul. 2010a. p. 2.

HALIMI, Serge. Notre combat. **Le Monde Diplomatique**, Paris, out. 2010b. p. 2.

HALIMI, Serge. La singularité a un prix. **Le Monde Diplomatique**, Paris, dez. 2011. p. 2.

HARVEY, Nicolas. **Le Monde Diplomatique**: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l'université et du militantisme. 2011. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Université de Rennes I, Institut d'études politiques de Rennes, Centre de recherches sur l'action politique en Europe, Rennes, 2011.

HARVEY, Nicolas. **Le Monde Diplomatique**: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l'université et du militantisme. Paris: L'Hamartan, 2014.

HOLZINGER, Flavie. **Le Monde Diplomatique d'Ignacio Ramonet de 1991 à 2008**: analyse géopolitique des représentations. 2014. Tese (Doutorado em Geopolítica) – Université Paris VIII – Vincennes-Saint Denis, Paris, 2014.

JULIEN, Claude. Cette jubilation attristée... **Le Monde Diplomatique**, Paris, out. 1973. p. 6.

JULIEN, Claude. Manière de voir. **Manière de voir**, Paris, nov. 1987. p. 4.

JULIEN, Claude. Aidez-nous à réussir la filialisation du « Monde diplomatique. **Le Monde Diplomatique**, Paris, fev. 1996. p. 2.

JULIEN, Claude. Le devoir d'irrespect. **Le Monde Diplomatique**, Paris, jun. 2005. p. 3.

LACOUTURE, Jean. Diversifié des non-alignés. **Manière de voir**, Paris, n. 74, abr.-maio 2004. p. 10-15.

LATTEF, Abdelhakim. **Le ‘Monde Diplomatique’ et ATTAC**: interactions entre espace journalistique et espace social. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Université de Droit, Lille, 2008.

LE GLEDIC, Marc. **L’Amérique latine vue à travers le Monde Diplomatique (1970-1980)**. 1981. Tese (Doutorado em Estudos Latino-americanos) – Université de Paris X – Nanterre, Paris, 1981.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 111-153.

MICHAUD, Guy. Le mouvement étudiant: révolte ou révolution? **Le Monde Diplomatique**, Paris, jun. 1968. p. 1-5.

MILCZACH, Sylvie. **Les regards de la presse écrite française sur le conflit jordano-palestinien de 1970-1971**: une étude du Monde, le Figaro, la Croix, l’Humanité, le Progrès de Lyon, Témoignage chrétien, Paris-Match, l’Express et le Monde Diplomatique. 2000. Tese (Doutorado em História Contemporânea) – Université de Lyon II, Lyon, 2000.

NDIAYE, Cheikh. **L’Afrique noire dans les relations internationales, la vision du Monde Diplomatique**. 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação e da Informação) – Université de Paris II – Panthéon-Assas, Paris, 1994.

PERRET, Jean-Baptiste. **Le Monde Diplomatique**: une représentation de la communication. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Institut d’Études Politiques, Grenoble, 1996.

PIERRE, André. Moscou n’est plus la “Mecque” du marxisme. **Le Monde Diplomatique**, Paris, nov. 1956. p. 1-3.

PINTO, Fernanda Iarossi. **O reaproveitamento de notícias no jornalismo impresso contemporâneo**: o caso do Caderno Diplô, do Le Monde Diplomatique Brasil. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2010.

RABADÁN, Pablo López. **La estrategia de encuadre en la prensa de referencia internacional**: el caso de Le Monde Diplomatique. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidad Rey Juan Carlos, Madri, 2009.

RAMONET, Ignacio. La pensée unique. **Le Monde Diplomatique**, Paris, fev. 1995. p. 2.

RAMONET, Ignacio. Désarmer les marchés. **Le Monde Diplomatique**, Paris, dez. 1997. p. 1.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. (Traduzido por Lúcia Mathilde Endlich Orth). Petrópolis: Vozes, 1999.

- RAMONET, Ignacio. L'aurore. **Le Monde Diplomatique**, Paris, jan. 2000a. p. 1.
- RAMONET, Ignacio. Davos? Non, Porto Alegre. **Le Monde Diplomatique**, Paris, ago. 2000b. p. 5.
- RAMONET, Ignacio. Gunter Holzmann est mort. **Le Monde Diplomatique**, Paris, fev. 2001a. p. 2.
- RAMONET, Ignacio. Le Monde, la Bourse et nous. **Le Monde Diplomatique**, Paris, dez. 2001b. p. 2.
- RAMONET, Ignacio. Le Monde et le Diplo. **Le Monde Diplomatique**, Paris, abr. 2003. p. 2.
- RAMONET, Ignacio. Antiterrorismos. **Le Monde Diplomatique - Edición Cono Sur**, Buenos Aires, n. 57, mar. 2004a. p. 40.
- RAMONET, Ignacio. Cinquante ans. **Manière de voir**, Paris, abr.-maio 2004b. p. 5-6.
- RAMONET, Ignacio. Claude Julien. **Le Monde Diplomatique**, Paris, jun. 2005. p. 40.
- RAMONET, Ignacio. **L'explosion du journalisme**: des médias de masse à la masse de médias. Paris: Éditions Galilée, 2011.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SAYURI, Juliana. **Le Monde Diplomatique Brasil**: por uma história possível. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, São Paulo, 2011.
- SZCZEPANSKI-HUILLERY, Maxime. **Du diplomate au citoyen. Études sur la politisation du Monde diplomatique et de ses lecteurs (1954-2008)**. 2005. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Université de Picardie, Amiens, 2005.
- VICENTE, Maximiliano Martin. **História e comunicação na ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- VIDAL, Dominique. L'Internationale Du "Diplo". **Le Monde Diplomatique**, Paris, nov. 2006. p. 27.
- WEIL, Benjamin. **Pas si diplomatique que ça**: Le Monde Diplomatique et le conflit israélo-arabe de 2000 à 2006 – une tentative d'analyse et d'interprétation. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Université Paris I – Sorbonne, Paris, 2006.

Recebido em abril de 2015.
Aprovado em agosto de 2015.